



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

As representações barbie, urso e poc em recife: uma análise das expressões corpóreas homossexuais do público do ?bar do céu?

Autoria: Thiago Henrique de Almeida Carvalho (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco), David Ferreira de Araújo

Este work tem como objetivo analisar como as representações homossexuais são obedecidas, ressignificadas e/ou transgredidas a partir das expressões corpóreas do público do ambiente Bar do Céu, localizado na cidade do Recife/PE. Com isso, problematizar as representações homossexuais é uma das principais tarefas deste work, uma vez que ao normatizar determinadas construções e expressões corpóreas, acaba-se por acarretar na padronização do que seja performar e/ou expressar as homossexualidades. À vista disso, para atingir tal objetivo, foram utilizados as ideias sobre embodiment de Csordas (2008), de performance e dramas sociais de Turner (1988, 2013 e 2015) e a teatralização da vida cotidiana e estigmas de Goffman (1981 e 2014), bem como foi realizada a pesquisa qualitativa, sendo mais exato, a observação sistemática em campo. Antes de mais nada, cabe elencar que Recife é uma cidade famosa no Brasil por sua comunidade LGBT+ muito ativa em termos de movimentos sociais e políticas afirmativas e em defesa das orientações sexuais, projetando, no espaço público, uma alta performatividade dos gêneros e sexualidades contraditos, que divergem da ordem compulsória heterossexual (BUTLER, 2017). Por esses aspectos, é possível encontrar, nessa cidade, uma gama de lugares voltados a esse nicho, como, por exemplo, Bar do Céu, Club Metrôpole, Miami Pub, Amigos do POP etc. De modo geral, os bares/boates são ambientes veiculados para distração e comemoração: a frequência a esses ambientes são ressaltados por coisas em comuns, a distração, o encontro com amigo após um dia estressante, uma comemoração ou ainda por as pessoas compartilharem uma determinada visão de mundo, convenções culturais etc (WAGNER, 2017). Ao ocupar esses espaços, os



agentes conseguem colocar em ação suas vivências cotidianas, bem como seus selves, onde, através das performances sociais, expressam ou não as convenções sociais de uma determinada sociedade, ou seja, é por meio das performances sociais e expressões corpóreas dos indivíduos que podemos evidenciar as representações de homossexualidades. Então, espaços, como o ?Bar do céu?, colocam em evidências determinados fatores, como as sociabilidades, modos de vida e de ação de indivíduos que compartilham, momentanea ou aparentemente, os mesmos ou similares símbolos, signos e visão de mundo (SILVA, 2009). Nesse caso, é extremamente importante levar em consideração o espaço Bar do Céu como ambiente que permite entender como as objetificações culturais das homossexualidades e suas representações de ?Barbie?, ?Urso? e ?Poc? são corporificadas e expressadas culturalmente, proporcionando altas performances e estereótipos que são conhecidas dentro da comunidade como performáticos do grupo homossexual e como um identificador de ?pertencimento?.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: